

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO VALE DO PARAÍBA

Esta publicação apresenta informações sobre os sítios arqueológicos existentes no Vale do Paraíba, sendo parte do conjunto de ações realizadas pela empresa **Gestão Arqueológica Consultoria em Patrimônio Cultural Ltda** na região.

OS ANTIGOS HABITANTES DO VALE DO PARAÍBA

O Vale do Paraíba, como é conhecida a região sócio-econômica que abrange parte do leste do estado de São Paulo e oeste do estado do Rio de Janeiro, corresponde a parte inicial da bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul. Esta bacia se estende por territórios pertencentes a três estados da Região Sudeste: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A bacia do Vale do Rio Paraíba do Sul permanece uma das menos estudadas pela Arqueologia no Estado de São Paulo. A maioria dos dados conhecidos sobre sítios arqueológicos provém de pesquisas realizadas no âmbito do licenciamento ambiental de empreendimentos, ou de achados fortuitos. O estudo mais abrangente foi realizado por Solange B. Caldarelli durante levantamentos na ocasião da construção da Rodovia Carvalho Pinto (1991 - 1993) e resultou na identificação de sete sítios e milhares de peças arqueológicas coletadas. No município de Caçapava foram identificados quatro sítios cerâmicos de tradição Aratu, datando entre os séculos XI e XIV. Nesses sítios foram resgatadas 36 urnas funerárias.



À esquerda, tela de Jean Baptiste Debret, séc. XIX, retratando indígena morto, em urna funerária. À direita, urna funerária encontrada em Aparecida, em 1957 (Loëll-Scheuer)

Os sítios associados aos grupos tupis estão presentes em vários municípios do Vale do Paraíba, principalmente entre Taubaté e Jacareí. Cronologicamente, em Jacareí, o Sítio Rio Comprido I situa-se no século XII (Cali, 1999) e o Sítio Santa Marina no século XV (Robrahn-González & Zanettini, 1999; CALI, 2012).



Tela de Jean Baptiste Debret, séc. XIX.
"Botocudos, puris, pataxós e maxacalis"



Urnas Funerárias resgatadas em Caçapava, durante estudo das áreas da Rodovia Carvalho Pinto, por Solage B. Caldarelli. Fotos Stela Roche

As aldeias Aratu podiam variar entre 100 metros de diâmetro com centenas de pessoas, e 560 metros com até 2000 indivíduos. A cerâmica, que caracterizou esta tradição arqueológica, possui vasilhas de formato cônico, entre outras. Outros pesquisadores também identificaram sítios de tradição Aratu nos municípios de Aparecida, Natividade da Serra e Jacareí.

Recentes pesquisas em São José dos Campos (Condomínio Alphaville), identificaram sítios líticos, de caçadores e coletores, bem como cerâmica de Tradição Itararé, normalmente associada aos Jês.

PRESENÇA INDÍGENA

Com a chegada do colonizador europeu, viajantes e cronistas fizeram relatos sobre os grupos indígenas do Vale do Paraíba que, na ocasião, pertenciam ao Tronco linguístico Tupi, família Tupi-guarani, e Tronco Macro-Jê. Há referências, também, a outros grupos cuja família linguística não foi determinada com exatidão. Os indígenas que ocuparam o Vale do Paraíba:

MARAMOMIS (ou Guaramomis): foram descritos por Pedro Rodrigues em 1599 e viviam "em uma serra que está sobre o Rio de Janeiro e São Vicente" e que, segundo João Capistrano Honório de Abreu (1853-1927), teriam alcançado o Vale do Paraíba. Os Tamoios dizimaram muitos Maramomis do Vale, fazendo-os fugir para a costa.

GUAIANÁS: perdendo suas terras para os portugueses de São Paulo de Piratininga, estabeleceram-se às margens do rio Paraíba do Sul, onde surgiria, depois, a Vila de Taubaté.

TUPINIQUINS: segundo Anthony Knivet (1560-1620), habitaram próximo ao alto curso do Paraíba do Sul.

TAMOIOS: fugidos da costa após a expulsão de seus aliados franceses do Rio de Janeiro, refugiaram-se próximos às nascentes do Paraíba.

PURIS: em 1594, o bandeirante Martim Correia de Sá (1575-1631) mandou Anthony Knivet comprar índios Puris. Este atingiu uma aldeia dos Puris no Vale do Paraíba, conseguindo 70 escravos. Segundo Teodoro Sampaio (1855-1937), uma expedição chefiada por Martim de Sá, após atravessar o rio Paraíba e atingir o rio Paraíba, encontrou cerca de cem índios Puris nas margens deste rio, correspondendo ao atual município de São José dos Campos. Há também informações de Puris em Taubaté, Guaratinguetá, Lorena e região fluminense.

TERMINÓS: habitavam o litoral do Espírito Santo, a margem esquerda do baixo Paraíba do Sul e proximidades da Baía de Guanabara. Os terminós foram mortos no Paraíba do Sul pela expedição de Martim de Sá, que aprisionou 1000 índios e matou 1600 (REIS, 1979).

TUPINAMBÁS: Reis (1979) admite ter sido possível índios tupinambás terem se refugiado nas nascentes do Paraíba, provavelmente junto à margem esquerda do rio Jaguari.

GOITACÁS: para Reis (1979), são os Weittakas descritos por Hans Staden que teriam ocupado a região do baixo Paraíba do Sul.



Acima, mãos de pilão.

Ao lado, machados de pedra polida. Peças encontradas em Taubaté.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Há notícias de 17 sítios arqueológicos identificados desde 1936, por Ruy W. Tibiriça; em 1946, pelo Barão Otorino de Fiori de Cropani e o Dr. João Amoroso Netto; por Plácido Cali, em 1998, além de achados fortuitos nas décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010.



À esquerda, machado de pedra polida e, no centro, restos de fogueira, ambos do sítio Colinas, Cali (2000). À direita, urnas funerárias. São José dos Campos - SP.

Araújo identificou três sítios na área do Loteamento Alphaville, que foram resgatados por Juliani (2012). No sítio lítico a datação de Carbono14 obteve o resultado de 8870 ± 50 AP (Antes do Presente). Também foram encontradas casas subterrâneas e cerâmica indígena.

APARECIDA

A primeira urna funerária foi encontrada em 1908, no pátio da Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil - EFCB. Desde então, dez outros sítios foram encontrados entre 1928 e 1979, sendo quatro identificados e pesquisados por Herta Loëll-Scheuer, em 1957, e o restante em obras pela cidade.

CAÇAPAVA

Neste município, por ocasião da abertura da Rodovia Carvalho Pinto, quatro sítios arqueológicos foram encontrados pela arqueóloga Solange Caldarelli,

PARAIBUNA

Há três sítios arqueológicos conhecidos, além de quatro locais onde foram encontrados artefatos arqueológicos. O sítio "Casarão Camargo" foi resgatado, gerando milhares de peças em acervo.



Resgate do sítio Casarão Camargo e ações de Educação Patrimonial com estudantes. À direita, peças do séc. XIX encontradas (Cali, 2007).



Sítio «Trilha do Ouro», séc. XVII, Estação Ecológica do Bananal (Cali, 2011)

JACAREÍ

Há no município 06 sítios identificados, a maioria no âmbito de estudos preventivos em áreas de empreendimentos, para o licenciamento ambiental. Quatro sítios estão associados aos tupis, um é de tradição Aratu e um sítio é histórico. Alguns sítios de Jacareí:

Sítio Santa Marina (SP-JA-01)

Trata-se de um sítio associado aos tupis, pesquisado parcialmente pelos arqueólogos Oldemar Blasi e Miguel Glaissler em 1991. Em 1997 foi estudado pelos arqueólogos Paulo Eduardo Zanettini e Érika M. Robrahn-González (1999). Em 2012, parte do sítio foi escavada por Plácido Cali e Marianne Sallum.



Fragmentos de cerâmica Tembetá encontrado em indígena associados aos Jacareí (Cali, 2001). Tupis, Jacareí (Cali, 2001). Ornamento labial indígena.

Sítio Rio Comprido I (SP-JA-03)

Sítio pesquisado em 1998 por Plácido Cali (1999) na área de implantação de um condomínio, resgatando material arqueológico resultante do assentamento de duas antigas aldeias indígenas, sendo uma delas associada aos tupis. O resultado das datações da cerâmica indígena indicou duas ocupações sendo a primeira do ano de 1.100 d. C. e a outra, do ano de 1.600 d. C.



Fragmentos de cerâmica indígena associados aos Tupis, Jacareí (Cali, 2001).

Sítio Arqueológico Vila Branca (SP-JA-04)

O sítio abrange várias áreas junto a Rodovia Geraldo Scavone. Devido ao seu tamanho foi pesquisado em diferentes momentos no âmbito do licenciamento de diferentes empreendimentos a saber: Condomínio Industrial Tallavassos; Condomínio Residencial Villa Branca e Cemitério Memorial do Vale. Foi pesquisado por Érika Marion R. Gonzalez e Paulo Eduardo Zanettini (1998, 2000 e 2002), e por Plácido Cali (2001).

Também há sítios arqueológicos nos municípios de Taubaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Jambeiro, Canas e Natividade da Serra.

SERRA DA MANTIQUEIRA

A Serra da Mantiqueira, com 500 Km de extensão e abrangendo São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, possui sítios arqueológicos conhecidos nos três estados. Na porção paulista da Serra há sítios em Campos de Jordão, São Bento do Sapucaí e no Distrito de São Francisco Xavier, em São José dos Campos.

Em Campos do Jordão foi encontrado um machado de pedra polida por CALI (2011) e outros vestígios durante estudos do Plano de Manejo do Parque Estadual (CALI, 2013)



Machado de Pedra Polida encontrado em Campos do Jordão (Cali, 2011).

Em São Bento do Sapucaí foi encontrada uma mão de pilão em pedra polida e, no Distrito de São Francisco Xavier, em São José dos Campos, foram encontradas várias pontas de projétil confeccionadas em cristal de quartzo.



Mão de Pilão em pedra polida encontrada em São Bento do Sapucaí (CALI, 2011)



Pontas de projétil em cristal de quartzo lascado. São Francisco Xavier, São José dos Campos. Foto Stela Roche

PRESENÇA INDÍGENA

Na Serra da Mantiqueira registra-se a presença de grupos do Tronco linguístico Tupi, família Tupi-guarani, e Tronco Macro-Jê. Os tupis deixaram vestígios em Conceição dos Ouros (MG) e estão presentes em relatos de viajantes europeus. Os Jês estão representados em diversos artefatos de sítios arqueológicos e em crônicas de viajantes desde o século XVI.

Destes, destacam-se os Puris, presentes desde o rio Paraíba do Sul até a Serra da Mantiqueira; e os Maramomis, que devem ter inspirado o holandês Wilhelm Glimmer (1601) a denominar a Serra da Mantiqueira de "montes Marumininis". Segundo o jesuíta Serafim Leite (1890-1969), os Maramomis "viviam de pinhões", o que realmente ocorria com grupos que viviam em regiões onde predominava a araucária.



Escavação do Sítio Santa Marina na área da empresa Cebrace, Cali (2012)

ARQUEOLOGIA E PRESERVAÇÃO

A Arqueologia busca compreender as sociedades e sua história através dos objetos, da alteração na paisagem e outros vestígios do passado.

Um **sítio arqueológico** é qualquer local em que o homem do passado tenha deixado vestígios de sua presença, desde artefatos, marcas de fogueiras, ossos, vestígios de cabanas, construções, etc.

Todo sítio arqueológico é protegido pela lei federal 3924/61. Se você encontrar um sítio ou peças arqueológicas, não toque em nada e informe ao IPHAN, que é o órgão federal responsável pelo gerenciamento do patrimônio arqueológico brasileiro.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

9ª. Superintendência Regional - SP
Av. Angélica, 626. São Paulo - SP
Telefone: (11) 3826-0744

Realização



E-mail: pcali@uol.com.br

Coordenação do Programa e Textos
Prof. Dr. Plácido Cali
Arqueólogo

Co-coordenação do Programa
Msc Marianne Sallum
Arqueóloga